

DEVOLVENDO SIGNIFICADO AO DESENVOLVIMENTO OU (SEMIO) TRADUZINDO O DESENVOLVIMENTO

PUTTING MEANING BACK INTO DEVELOPMENT; OR SEMIO (TRANSLATING) DEVELOPMENT



Kobus MARAIS
Professor
University of the Free State
Faculdade de Humanidades
Departamento de Linguística e Linguagem
Bloemfontein, África do Sul
<https://www.ufs.ac.za/humanities/departments-and-divisions/linguistics-and-language-practice-home/general/staff?pid=62gIXqGleqg%3d>
orcid.org/0000-0002-6051-4957
jmarais@ufs.ac.za

Traduzido por: Grupo Textos Fundamentais em Tradução

Monique PFAU
Professora Adjunta
Coordenadora da tradução
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Departamento de Letras Germânicas
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/2813361820674391
orcid.org/0000-0002-6388-5737
moniquepfau@hotmail.com

Lidiane de Oliveira SILVA
Graduada em Letras / Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/6993503299949621
orcid.org/0009-0002-8448-3232
liddih@gmail.com

Poliana Santana Pinheiro dos
SANTOS
Professora de Letras / Inglês
Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia
Amargosa, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/0563458929805765
orcid.org/0009-0009-8057-2570
polianasps@gmail.com

Sacha Costa Primo PEREIRA
Graduada em Línguas Estrangeiras
Aplicadas às Negociações
Internacionais
Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras e Artes
Santa Cruz, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/5200188201246434
orcid.org/0009-0003-2464-7810
sachaprimo@gmail.com

Letícia Vitória Pimentel da SILVA
Graduada em Letras Inglês e
Vernáculos
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Departamento de Letras Germânicas
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4189743420534031
orcid.org/0009-0006-9105-6166
leticiapimentel45@gmail.com

Fernanda da Silva Góis COSTA
Graduada em Letras / Inglês
Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Departamento de Letras Germânicas
Salvador, Bahia, Brasil
lattes.cnpq.br/4443628036930956
orcid.org/0000-0002-6121-1106
nandacosta1995@gmail.com

Resumo: Os estudos sobre a relação entre tradução e desenvolvimento são incipientes. Além dos trabalhos desenvolvidos por mim, existem diversos estudos e projetos voltados para essa temática. Além disso, pensar em desenvolvimento nos Estudos da Tradução também é limitado pela concentração do pensamento em torno da tradução interlinguística. Esse viés se torna insustentável em um mundo cada vez mais moldado pela comunicação multimodal. Além disso, a literatura voltada para as sociedades que se desenvolvem a partir de interações semióticas (multimodais) entre as pessoas vem crescendo e desafiando o viés linguístico inerente aos Estudos da



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Tradução. O presente artigo se direciona para ambas as limitações mencionadas, oferecendo (1) uma contribuição para a fundamentação teórica da relação entre tradução e desenvolvimento através da (2) apresentação de uma visão peirceana que inclui a noção dos signos degenerados, i.e., signos sem interpretantes. A teoria explica que muitos hábitos sociais (padrões ou trajetórias do desenvolvimento) ocorrem tanto no nível inconsciente quanto pré-linguístico. Para que os/as teóricos/as dos Estudos da Tradução possam contribuir para o debate sobre o surgimento ou desenvolvimento da sociedade, é necessário que seja possível (também) estudar, em termos peirceanos, os signos degenerados que o ser humano constrói em resposta ao seu ambiente. O objetivo é combinar a semiótica peirceana (referindo-se também à literatura secundária sobre Peirce) e o pensamento da complexidade para apresentar os parâmetros de uma teoria do desenvolvimento a partir de uma perspectiva da tradução.

Palavras-chave: Desenvolvimento. (Semio) tradução. Signos degenerados.

Abstract: *Studying the relationship between translation and development is a fledgling enterprise. Apart from my own work, a number of studies and projects have been attempted in this regard. Apart from the above, thinking about development in translation studies is also constrained by the fact that most of this thinking is done in terms of interlinguistic translation. In a world that is increasingly developing in the direction of multimodal communication, this bias cannot hold. Furthermore, literature on how societies develop from the (multimodal) semiotic interactions between people is growing and challenging the linguistic bias that is inherent in translation studies. The paper addresses both of the above limitations by (1) contributing to the theoretical underpinning of the relationship between translation and development through (2) presenting a Peircean view of semiotics which includes his notions of degenerate signs, i.e. signs without interpretants. The theory explains that many social habits (development patterns or trajectories) take place at an unconscious level and at a prelinguistic level. In order for translation studies scholars to contribute to the debate on the emergence or development of society, they need to be able to (also) study the degenerate signs which human beings construct in response to their environment. The aim is to combine Peircean semiotics (also referring to secondary literature on Peirce) and complexity thinking in order to present the parameters of a theory of development from a translation perspective.*

Keywords: *Degenerate signs. Development. (Semio) translation.*

2

Revisado por: Elyse Marques

DEVOLVENDO SIGNIFICADO AO DESENVOLVIMENTO OU (SEMIO)¹ TRADUZINDO O DESENVOLVIMENTO*

Introdução

Os estudos sobre a relação entre tradução e desenvolvimento são um experimento incipiente. Além dos estudos que eu desenvolvi, existem diversos trabalhos de pós-graduação e projetos de pesquisa voltados para essa temática. Considerando o continente africano como um todo a partir de um “contexto de desenvolvimento” ou de “subdesenvolvimento”, conforme observado na análise crítica de Marais & Delgado Luchner (2018), a virada sociológica dos Estudos da Tradução dita que tal debate sobre a natureza e implicações do ‘desenvolvimento’ devem ser priorizados na agenda dos Estudos da Tradução em África. Em termos socioeconômicos, a tradução no continente está limitada por um contexto bem particular de desenvolvimento, enquanto também contribui para o desenvolvimento desse mesmo contexto.

Grande parte do pensamento sobre o desenvolvimento nos Estudos da Tradução está limitado ao campo da tradução interlinguística (Delgado Luchner, 2015; Footitt, 2017; Tesseur, 2020). Este viés se torna insustentável em um mundo cada vez mais moldado pela comunicação multimodal. Além disso, a literatura voltada para questões de como as sociedades se desenvolvem a partir de interações semióticas (multimodais) entre as pessoas está aparecendo em campos como o da filosofia (Searle, 1995; 2010), da antropologia (Deacon, 2013; Parmentier, 2016), da sociologia (Latour, 2007; Luhmann, 1995) e dos Estudos do Desenvolvimento (Pieterse, 2010), desafiando assim a predisposição linguística inerente aos Estudos da Tradução.

As teses de doutorado de Chibamba (2018) e Ajayi (2018) defendem também uma correção intersemiótica nos Estudos da Tradução; defesa esta, apoiada em meus trabalhos (Marais, 2017; 2019; Marais & Kull, 2016). Os argumentos propostos levantam uma série de perguntas, tais como: por que a tradução interlingual não é suficiente e, não sendo ela suficiente, como se deve conceituar a tradução? O que é desenvolvimento e como é possível estudar a relação entre tradução e desenvolvimento? Essas perguntas serão discutidas a seguir.

Em termos metodológicos, o presente artigo é uma exploração conceitual, com a proposta de tratar de ambas limitações mencionadas, oferecendo (1) uma contribuição para a fundamentação teórica da relação entre tradução e desenvolvimento, pela (2) apresentação de uma visão peirceana que inclui sua noção de indexicalidade. A teoria explica que muitos hábitos sociais (padrões ou trajetórias do desenvolvimento) ocorrem tanto no nível inconsciente quanto pré-linguístico. Para que os/as teóricos/as dos Estudos da Tradução possam contribuir para o debate sobre o surgimento ou desenvolvimento da sociedade é necessário que seja possível (também) estudar, em termos peirceanos, os signos degenerados que o ser humano constrói em resposta ao seu ambiente.

O presente artigo combina a semiótica peirceana com a complexidade do pensamento no intuito de explorar os parâmetros de uma teoria do desenvolvimento a partir de uma perspectiva de tradução intersemiótica.

Por que a tradução interlingual não é suficiente?

Chibamba (2018) argumenta que a prática de tradução interlingual na Zâmbia é pouco frequente. Por outro lado, coloca-se muita ênfase no que geralmente é chamado de tradução “intersemiótica”. Essa prática se dá por conta da história colonial da Zâmbia, onde a maioria das pessoas consegue estabelecer, em certa medida, uma comunicação em inglês. Isso significa

que as campanhas de comunicação em saúde investigadas por Chibamba não passam pelos problemas envolvidos na tradução (interlingual) de informações de saúde para idiomas locais, como ditaria a tradição comum dos Estudos da Tradução.

Dessa maneira, os esforços na Zâmbia se concentraram nas traduções intersemióticas, tais como traduzir mensagens para músicas ou animações (Chibamba, 2018) por haver posições favoráveis à manutenção de línguas minoritárias. De qualquer modo, o objetivo deste artigo não é de prescrever, nem avaliar práticas de tradução voltadas para a manutenção de línguas minoritárias ou multilinguismo de modo que o meu enfoque está em uma abordagem descritiva que consiga dar conta de dados oriundos de contextos em desenvolvimento. Nesse sentido, os dados apresentados por Chibamba mostram que, no contexto da comunicação de informações de saúde na Zâmbia, a tradução intersemiótica é predominante.

Por sua vez, Ajayi (2018) explica que precisa excluir a tradução interlingual de seus próprios estudos da Nigéria pré-colonial diante da ausência de registros escritos referentes a este período. Considerando a natureza oral da cultura nigeriana pré-colonial, Ajayi observa a tradução interlingual e intersemiótica em sua pesquisa (Ajayi, 2018, p. 21) no intuito de estudar a comunicação oral e multimidiática. No contexto da comunicação política do período em questão, o autor se concentra na tradução intralingual de termos orais expressados em uma linguagem esotérica e/ou obscura, demandando reflexões de níveis variados e diferentes tipos devido à natureza oral de grande parte dos elementos deste contexto.

Mais adiante, no processo de elaboração de práticas de rituais religiosos, incluindo o uso de tambores, Ajayi (2018, p. 42-56) defende a necessidade da aplicação de uma teoria de tradução intersemiótica que vise o estudo do desenvolvimento da consciência nacional na Nigéria. Por um lado, os símbolos divinos (lidos como mensagens do sobrenatural) devem ser traduzidos para a linguagem comum. Por outro lado, essas mensagens traduzidas precisam ser transmitidas e comunicadas através de tambores, dentre outras maneiras – o que implica no ato de traduzir mensagens para uma forma material diferente².

Aos elementos mencionados é possível acrescentar um dos meus trabalhos recentes, direcionado aos *Okyeame Poma*³. A argumentação se sustenta pelo fato de uma parte significativa da comunicação nos tempos pré-coloniais na África acontecer através da tradução intersemiótica (Marais, 2020), assim como de fato acontece em todos os contextos. Mesmo considerando que esta África pré-colonial não estava desprovida de registros em textos escritos e tendo como exemplo a África Setentrional em tempos antigos e nos tempos islâmicos, a parte Subsaariana foi dominada por culturas e tradições orais durante este período. Ainda assim, isso

não significa que os povos africanos pré-coloniais construíram significados apenas de forma verbal. O *Okyeame Poma*, como um símbolo, era utilizado para comunicar sem utilizar palavras, uma vez que as figuras esculpidas se referiam indexicamente a um provérbio em particular, sem que o provérbio fosse recitado verbalmente. Ao escolher um *Poma*, o/a *Okyeame* traduzia a mensagem verbal a ser comunicada por meio de uma mensagem visual, estabelecendo, portanto, uma comunicação multimodal.

Os trabalhos de Chibamba e Ajayi implicam que a comunicação multimodal é um elemento essencial e intrínseco ao desenvolvimento. Essa comunicação, inerente às culturas orais, também tornou possível, dentre outros fatores, o desenvolvimento de tecnologias digitais nas culturas pós-escritas (pós-coloniais).

Outra razão para considerar as práticas de tradução intersemiótica é o fato de que a língua não é a única maneira através da qual os seres humanos se comunicam. Sabe-se que existe troca de informações entre os cinco sentidos e que os seres humanos podem interpretar, por exemplo, expressões faciais e gestos, e, nesse sentido, sociólogos/as como Latour (2007) e filósofos/as como Searle (1995; 2010) argumentam ainda que sociedade e cultura não emergem apenas da interação linguística, mas também de um trabalho semiótico mais amplo.

Diante dos elementos expostos, parece pertinente concluir que uma teoria da tradução precisa conceituar a tradução de forma mais ampla que a tradução interlingual (voltarei a essa discussão na próxima seção). No entanto, o trabalho semiótico que subjaz à emergência da sociedade ou da cultura também vai além da comunicação, uma vez que inclui a construção de sentido, independentemente de ser comunicado (Marais, 2019, p. 148-149). Seguindo as ideias de Luhmann, o surgimento de sociedades e culturas não está vinculado unicamente à comunicação de ideias entre pessoas ou instituições. Ambas emergem do trabalho semiótico que relaciona os organismos humanos à realidade material, seja física, química, tecnológica ou outros organismos. Isso ocorre através do trabalho que traz a realidade material para a compreensão dos seres humanos (Eco, 1997; Latour, 2007).

Tal forma de tradução, que intitulei de tradução de objetos, é o que transforma as coisas do mundo em objetos de conhecimento (Deely, 2009) e, como tal, é a base da nossa relação com a realidade. Também explorarei essa questão nas seções a seguir, de maneira mais detalhada. Entretanto, o ponto que merece destaque aqui é que os Estudos da Tradução não devem estudar apenas a comunicação, mas também o processo de criação das ideias que são comunicadas. A semiose e o processo de tradução do qual ela depende não estão restritos à comunicação, ao contrário, a comunicação é parte do que acontece na semiose.

Uma Noção Expandida de Tradução

A distinção de Jakobson ([1959] 2004; 2008) entre a tradução interlingual, intralingual e intersemiótica é comumente definida e apresentada da seguinte forma:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*) consiste na interpretação dos signos **verbais** por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos **verbais** por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos **verbais** por meio de sistemas de signos não verbais. [ênfases em negrito do autor]

A concepção de tradução intersemiótica, que já discuti em Marais (2019) e Marais & Kull (2016), é aplicada através da noção de tradução peirceana (CP 4.127). Ela explica que a concepção de significado é, antes de tudo, concebida através da **tradução** de um signo para outro dentro do sistema de signos.

6

A diferença crucial é que Pierce, por algum motivo (Marais, 2019, p. 14-16), não limita sua concepção de tradução, a fim de contemplar tanto a língua-fonte, a língua-alvo ou ambas. Assim, defendo que Pierce possui uma visão mais ampla de tradução, de forma que seja aplicável a mais práticas, incluindo àquelas em que a língua não tem papel algum. Na verdade, é possível afirmar que a sua conceituação de tradução acomoda qualquer tipo de tradução, inclusive a tradução automatizada por tecnologias de informação e inteligência artificial. Em minha discussão sobre tradução (Marais, 2019), discuto a concepção pierceana e suas implicações, rejeitando a definição de Jakobson, definindo tradução como termo técnico que se refere ao trabalho semiótico sobre o significado, independente do objetivo do trabalho. Tal objetivo pode ser criar ou transferir significado, modelar a realidade ou algo semelhante, porém, o processo subjacente permanece o mesmo, ou seja, a criação de novos interpretantes impondo restrições ao processo semiótico.

Portanto, a tradução refere-se primeiro ao processo e não ao produto final. O processo pode resultar em produtos ou artefatos como textos impressos, partituras musicais ou fotos, mas, a meu ver, o processo é primário. Esse processo implica em um trabalho restritivo de possíveis significados na construção de um conjunto de signos a serem elaborados⁴. O objetivo desse processo restritivo é facilitar a intersubjetividade ou a comunicação. O processo de tradução é sempre um processo no tempo porque a semiótica está sujeita à Segunda Lei da

Termodinâmica, o que significa que todos os estados costumam ir de encontro ao equilíbrio, a menos que se trabalhe neles. Assim como é preciso restringir a energia para poder trabalhar com ela, a 'matéria-prima' semiótica tem que ser restringida a fim de se comunicar, compreender ou criar novos conhecimentos. Esse processo de restringir o material semiótico, ou de trabalhar com ele, é o que chamo de tradução. É um processo irreversível, e é por isso que não é possível fazer retraduições idênticas aos textos originais (ver, por exemplo, Baker, 2018, p. 7). Mesmo as cópias feitas por uma fotocopadora não são exatamente as mesmas porque foram feitas em um momento posterior. A fim de expressar esta natureza temporal básica da tradução, sugiro a substituição dos termos texto-fonte e alvo por "sistema de sinais incipientes" e "sistema de sinais subsequentes" (Marais, 2019, p. 123-125). Embora tal renomeação não resolva o problema do pensamento binário nos Estudos da Tradução, ao menos aborda o domínio do entendimento espacial da tradução (ex.: St. André, 2010).

Um sistema de sinais incipientes não é apenas ou totalmente uma fonte, se entendermos que fonte significa aquilo que dá origem a algo mais, ou instância de origem. Ao contrário, um sistema de sinais incipientes é o efeito de restrições aplicadas ao material semiótico, estruturando-o de tal forma que restringe os possíveis significados que um/a receptor/a poderia construir. Ele é também uma restrição sobre os possíveis significados que podem ser construídos a partir dele, pois tanto o efeito quanto a causa do trabalho semiótico definem-se como tradução de modo que se trata de uma estrutura emergente em um dado momento no tempo, dando origem a outras estruturas emergentes ou a ser usada para construir outras estruturas. A fonte de qualquer significado está ou no processo semiótico humano coletivo, ao qual Robinson (2016, p. 183-200) se refere como *icosis*, ou nas restrições que são operativas em um conjunto particular de material semiótico. Assim, um sistema de sinais incipientes é um momento no processo semiótico que foi estabilizado, estruturado, formalizado no tempo e que tem um efeito limitador dos significados subsequentes que emergem de sua relação com o sistema de signos incipientes. Embora Nord (2001) coloque em termos diferentes, sua noção do texto-fonte como uma oferta de informação em que o texto-alvo é criado é adequada neste contexto. O texto-fonte não é o determinante do texto-alvo, mas ele oferece material semiótico existente para ser usado como ponto de partida para o surgimento de mais significado (em outro idioma, neste caso). Isso também está ligado à noção de reescrita trazida por Lefevere (1992), no sentido de que a realidade oferece muitos casos em que um texto é escrito com base em um texto anterior ou em uma coleção de textos (por exemplo, boletins informativos analisados por

Van Rooyen, 2019). Essa possibilidade é fundada no próprio funcionamento da semiose, criando sinais baseados em sinais anteriores, *ad infinitum*.

No entanto, o processo de tradução também poderia envolver espaço. Embora a noção dominante de tradução como transferência (*carrying over*) tenha sido bastante contestada (ex.: Tymoczko 2007, p. 54-106), às vezes a tradução implica em mudanças espaciais. De qualquer forma, sempre há mudanças no tempo.

A próxima questão é: que tipo de processo é a tradução? Na minha opinião, trata-se de um processo semiótico. Conceitualizar a tradução semiótica significa incluir o idioma, mas não limitar a tradução ao idioma. A tradução, de uma perspectiva semiótica, é um processo que pode ser realizado em qualquer sistema de significado, independente do meio ou da modalidade desse significado. Não importa se o significado está na forma de som, como a fala, ou na forma visual, como a escrita, ou em qualquer outra forma. A teoria da tradução aqui proposta pode explicar tudo isso. Esse tipo de pensamento é geralmente criticado por transformar tudo em tradução. Não é isso que proponho. A minha intenção é que todos os processos de criação e obtenção de significados impliquem em um aspecto translacional de toda a realidade e isso faz parte do interesse dos Estudos da Tradução. Traduzir uma foto em uma dança envolve muitos aspectos, tais como cor, espaço, movimento, cinética, estética e força muscular que não são traduzíveis em si mesmos. Ao contrário, relacionar a cor em uma foto com um movimento em dança envolve o aspecto de tradução do processo. Assim, nem tudo é tradução, mas todo processo de significação tem um aspecto traduzível.

A tradução também é um processo complexo. Os processos dos organismos vivos, incluindo seus processos semióticos, são complexos porque são emergentes, não lineares, sensíveis às condições iniciais e de fronteira, hierarquicamente alinhados e não reduzíveis (Deacon, 2013). Isso significa que, mesmo para as traduções interlinguais, não há uma causa que possa explicar a tradução, pois nenhuma tradução tem apenas um efeito. Fenômenos complexos como as traduções estão inseridos em uma complicada rede de causa e efeito, ou seja, não-linear e não redutível. Tal situação também indica que o resultado de um processo de tradução não pode ser totalmente previsto antes de ser feito justamente por ser entendido como um processo emergente. Se somar um mais um, sempre resultará em dois, mas se duas pessoas traduzirem o mesmo texto, possivelmente nunca haverá a mesma tradução, dependendo da extensão do texto, do intervalo de tempo para traduzir, entre outros fatores. O pensamento de complexidade apoia teoricamente o fato conhecido nos Estudos da Tradução de que dar o mesmo texto a duas pessoas de idades, gêneros ou antecedentes sociopolíticos diferentes (que

são condições iniciais no linguajar do pensamento de complexidade) pode render produtos finais muito diversos. Isso significa que a tradução é um processo emergente sensível às condições iniciais (Robinson, 2011). Além disso, processos complexos como a tradução geralmente consistem em partes e estas estão relacionadas a conjuntos maiores, ou seja, estão hierarquicamente alinhadas.

Com base no que foi exposto, sugiro a redefinição de tradução da seguinte forma:

- A tradução é um trabalho semiótico negentrópico com o objetivo de restringir os processos de criação de sentido para criar trajetórias sociais e culturais.

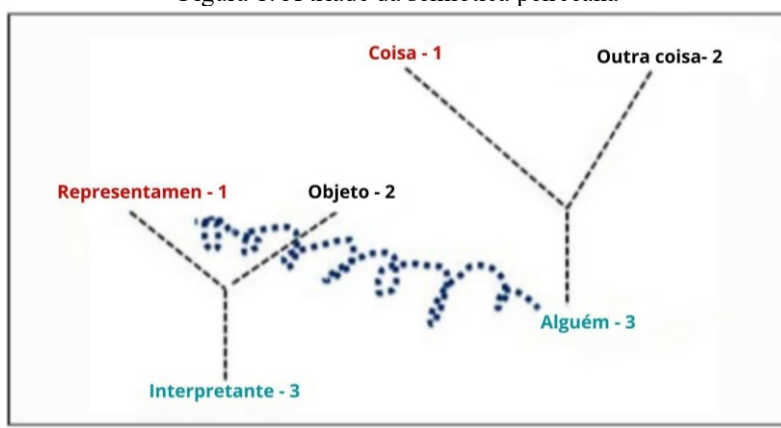
Essa definição, que já apresentei em estudo anterior (Marais, 2019), conceitua a tradução como um trabalho realizado em material semiótico para conduzir a semiose em uma determinada direção ou trajetória. Por exemplo, combinar cor e traço em uma pintura, a fim de guiar ou orientar o/a espectador/a na direção de observar uma mulher em vez de um homem, seria o caso de um trabalho semiótico, colocando ideias em forma material. Outro exemplo é mudar as convenções poéticas na poesia para iniciar um novo movimento estético, também implicando em um trabalho semiótico para criar uma trajetória ou um padrão. O trabalho semiótico restringe as possibilidades iniciais. Por exemplo, uma vez que um/a poeta tenha decidido escrever na forma de soneto, ele/a se limita às convenções particulares relacionadas aos sonetos. Dessa forma, cada trabalho semiótico restringe o que pode ser feito.

Para explorar melhor as implicações dessa conceitualização, sugiro que se considere a tríade semiótica peirceana (tríade da esquerda, figura 1). O representamen é o signo-veículo físico material e é perceptível através dos sentidos, nesse caso, a palavra escrita “cão”. Esse representamen determina ou restringe um objeto de tal forma que um/a observador/a pode formar um interpretante ou significado. Ao escrever a palavra "cão"⁵, um/a gerador/a de signos restringe as opções de significado para quem recebe e interpreta os signos. O/A intérprete pode observar que o/a gerador/a de signos não escreveu 'dão' ou 'pão' ou 'cai'. Em outras palavras, este conjunto particular de restrições materiais realiza o trabalho de orientar o/a intérprete. Nesse sentido, a noção saussuriana de que a diferença sincrônica em qualquer sistema semiótico é responsável pelo significado dos sinais seria correta. O representamen é uma diferença que faz a diferença. A palavra "cão" se refere a qualquer conceito de cão (ou a qualquer cão real), e é por isso que eu não usei um cão em particular. Se eu fosse o intérprete, o interpretante seria "Meu cão, Fido", porque agora estou pensando em um cão em particular.

O interpretante, 'Meu cão, Fido', torna-se então o representamen na próxima etapa do processo de interpretação. Meu cão, Fido, é um terrier rateiro (tríade da direita, Figura 1), e ele me faz sentir amado e protegido.

A Figura 1 demonstra, através da linha ondulada, o processo semiótico onde um representamen inicial leva a um interpretante, que se torna um segundo interpretante, *ad infinitum* - a menos que o processo seja interrompido por razões pragmáticas.

Figura 1: A tríade da semiótica peirceana



Fonte: (Marais, 2020, traduzida)

De acordo com a definição acima, qualquer movimento no tempo e no espaço por qualquer um dos três componentes (representamen, objeto, interpretante) ou qualquer mudança em qualquer um dos três componentes ou qualquer uma das relações entre eles constitui um processo de tradução. Isso significa que, se o representamen for alterado de ondas sonoras (palavras faladas) para padrões de tinta (palavras escritas), haverá uma tradução. Isso também significa que se o representamen permanece o mesmo, mas o objeto muda, há uma tradução. Como exemplo, consideremos a palavra "manga", que é usada para uma fruta e para uma parte de uma peça de roupa. O significado é traduzido por causa de uma mudança no objeto e, portanto, na relação entre representamen e objeto⁶. Minha conceituação também significa que uma mudança no interpretante implica uma tradução. Consideremos uma peça de Shakespeare como um representamen que cria seu objeto através das convenções da escrita de ficção. Agora consideremos uma leitora, lendo o mesmo texto que outras pessoas antes dela, concordando que o texto se refere a um objeto em particular, mas decidindo interpretá-lo de forma diferente. Isso é um processo de tradução⁷. Em suma, uma simples mudança muda tudo.

O meu argumento é que os representamens (processos, práticas e artefatos do desenvolvimento) podem ser qualquer coisa. Eles não precisam ser língua. Poderiam ser dança,

pintura, arquitetura, práticas sociais, práticas agrícolas, literalmente qualquer coisa. Por exemplo, o conhecimento científico que é aplicado em uma fazenda, em uma fábrica ou na sala de operação passa por um processo de tradução. A prática de gerenciamento que é transferida de uma fábrica no Japão para uma fábrica na África do Sul passa por um processo de tradução. A sabedoria popular igbo-nigeriana *it takes a village to raise a child*⁸, que se tornou o tema do filme *It takes a village*, documentário de Mark Alexander Todd (2019), passa por um processo de tradução. Ideais políticos como a democracia, que entra num contexto anteriormente colonial como na África do Sul, passam por um processo de tradução.

O que é desenvolvimento?

Os Estudos do Desenvolvimento são um campo de estudo que teve origem no final dos anos 1960 para estudar o fenômeno ou ideia de desenvolvimento que surgiu após a Segunda Guerra Mundial⁹. Meu ponto de partida aqui é o argumento de Pieterse (2010, p. 30) que considera que os Estudos do Desenvolvimento precisam de uma teoria semiótica abrangente. Ele elabora este argumento com base em sua análise das tendências nos Estudos do Desenvolvimento. Uma das principais tendências por ele identificadas consiste em passar de uma visão técnica do desenvolvimento, em termos de mudanças macroeconômicas e macro políticas, para uma visão do desenvolvimento como uma resposta de sentido, realizada por pessoas ou comunidades de pessoas, e restrições ambientais particulares. As teorias do desenvolvimento alternativo em especial se debruçam em colocar em pauta o significado das iniciativas de desenvolvimento (Escobar, 1995, p. 219). De acordo com Escobar, os esforços para encontrar alternativas às noções neoliberais e ocidentais de desenvolvimento implicam em um componente semiótico, gerador de sentido. Minha busca, especialmente no argumento de Olivier de Sardan (2005), é que o desenvolvimento não é sobre todas as sociedades atingirem o mesmo objetivo final (que geralmente está para aqueles países entendidos como desenvolvidos) ou desejarem ser economias ou sistemas políticos mais bem-sucedidos. Ao contrário, para ele o desenvolvimento é uma tarefa de adaptação: a necessidade de todas as sociedades se adaptarem constantemente a ambientes em mudança. Essa adaptação é, na opinião de Olivier de Sardan, uma tarefa semiótica, uma tarefa de dar sentido aos desafios e escolher respostas significativas. Em sua opinião, o verdadeiro desenvolvimento implica em lidar com o significado das mudanças sugeridas, pensar e decidir se seria uma adaptação benéfica sob as condições atuais.

Em um artigo que publiquei em coautoria (Marais & Delgado Luchner, 2018), foram

combinados os pontos de vista de Olivier de Sardan com os pontos de vista comparativos no pensamento tradicional do desenvolvimento para sugerir que o desenvolvimento seja uma resposta semiótica adaptável sob restrições diferenciais. A noção de restrições diferenciais é construída sobre a noção de Salthe (1993; 2009; 2012) da estruturação hierárquica da realidade, o que também leva à observação hierárquica. Isso significa que, para cada nível de observação, pode-se construir um próximo nível inferior a partir do qual emerge o nível de observação e um próximo nível superior que o restringe.

Segundo o pensamento do desenvolvimento, outros países ou agrupamentos regionais estariam em um nível superior que limitaria o desenvolvimento de um determinado país ou comunidade. O argumento é que um país como a Namíbia e como o Reino Unido tenham tarefas de desenvolvimento (adaptáveis) que se confrontam, mas sob restrições diferenciais. O Reino Unido se desenvolve a partir de uma posição muito mais poderosa do que a Namíbia (Marais & Delgado Luchner, 2018, p. 383). O aspecto comparativo dos Estudos do Desenvolvimento é, portanto, ajustado para não significar que os países "desenvolvidos" são o objetivo dos países "em desenvolvimento", mas que alguns países se desenvolvem sob restrições mais benéficas do que outros.

Na minha opinião, o desenvolvimento de uma sociedade-cultura é, portanto, uma resposta semiótica adaptável a um ambiente em particular constituído por outras sociedades-culturas em desenvolvimento. A história ou trajetória particular ao longo da qual uma determinada sociedade-cultura se desenvolveu até o momento da observação e o momento em particular da história no qual ela é observada desempenham um papel restritivo no desenvolvimento dessa sociedade-cultura. Além disso, o espaço em particular no qual ela tem que se desenvolver e a posição relativa deste espaço em relação a outros de influência condiciona seu desenvolvimento. Esses fatores, juntamente com a miríade de fatores de nível inferior, tais como o capital social e intelectual, os recursos naturais e os sistemas econômicos e políticos em uma sociedade-cultura desempenham um papel limitador ao seu desenvolvimento. O desenvolvimento é uma resposta semiótica a uma variedade do "Outro". Os estudos de desenvolvimento estão convencionalmente interessados na interação entre economia, sociologia e ciência política. Desse modo, entendo que o fato do desenvolvimento como uma resposta semiótica não exclui o interesse nas dimensões econômica, política ou sociológica (ou mesmo tecnológica) do desenvolvimento. Pelo contrário, como argumentado na seção anterior, a economia, a política ou a sociologia têm todos os aspectos semióticos. A partir dessa perspectiva, a economia implica em práticas de criação de sentido sobre os meios

de vida e a implicação lógica sugere que a economia implica em práticas de tradução que poderiam ser estudadas nos Estudos da Tradução. Isso não significa reduzir a economia à semiótica ou à tradução. Ao contrário, defendo que todos os aspectos da sociedade-cultura possuem aspectos translacionais que deveriam ser estudados nos Estudos da Tradução.

A história (simplificada) dos Estudos do Desenvolvimento pode ser vista como um movimento de conceptualizações do desenvolvimento centradas no ser humano (Nussbaum, 2011; Nussbaum & Sen, 1993). Parte desse movimento, o qual Pieterse (2010) percebe — e que ainda não foi alcançado —, é tentar entender o significado do desenvolvimento, ou seja, a dimensão semiótica do desenvolvimento. Westoby (2013), Westoby e Dowling (2013) e Westoby e Kaplan (2014) trabalham em uma abordagem dialógica do desenvolvimento comunitário, argumentando que sua prática deve ser dialógica. Além disso, os/as agentes do desenvolvimento e as comunidades em que trabalham devem negociar o processo de desenvolvimento. Não posso culpar tais posições, exceto para argumentar que precisam ser expandidas para incluir todas as formas da criação de sentido e não apenas da interação verbal. Meu posicionamento é que os/as profissionais do desenvolvimento se beneficiariam de conhecimentos e habilidades semióticas para que possam interpretar o significado das práticas que desejam mudar com suas iniciativas de desenvolvimento.

13

Investigando o significado do desenvolvimento

O quadro conceitual delimitado acima levanta um grave problema metodológico para os Estudos da Tradução. Se o processo de tradução estudado incluir língua, é possível, por exemplo, estudar o produto derivado da língua. Outra possibilidade é entrevistar ou observar os/as agentes no processo. Entretanto, se o processo de tradução não incluir a língua, por exemplo, uma pintura traduzida para uma dança ou um conhecimento teórico traduzido para uma prática, no caso do desenvolvimento, será preciso uma metodologia diferente. Para isso, a sociologia e a antropologia sugerem aplicação de métodos alternativos que apresento a seguir. Nesse caso, não há um processo derivado da língua para estudar, mas ainda é possível pedir que os/as agentes expliquem o processo e assim possivelmente ter acesso a ele. De qualquer forma, se o desejo for estudar o significado incorporado nas práticas sociais e culturais para entender o significado do desenvolvimento, ainda assim não seria possível solicitar que as pessoas envolvidas em tais práticas relatem o que estão fazendo através da língua. O motivo é que as práticas culturais e sociais estão comumente incorporadas e acontecem no nível do conhecimento tácito, incorporado. Isso significa que as pessoas talvez não consigam relatar o

motivo de fazer o que fazem simplesmente porque não conhecem esse motivo. Elas fazem o que fazem simplesmente porque é assim que se faz alguma coisa. Isso vai além do problema de que perguntar às pessoas sobre algo pode influenciar suas respostas, pois podem suspeitar que se espera que digam algo específico.

O problema do conhecimento tácito e incorporado, ou prático, tem sido levado em conta pelos/as antropólogos/as há muito tempo. No intuito de superar este problema, sugiro que os Estudos da Tradução se voltem para a antropologia. Parmentier (2016), em particular, utiliza a noção peirceana de índice em sua metodologia. Peirce conceituou três tipos de relação entre o representamen e o objeto, a saber, relações icônicas, indiciais e simbólicas. Isso nos permite, então, identificar três tipos de signos: ícones, índices e símbolos. Ele define o índice como um signo determinado por seu objeto dinâmico em virtude de estar em uma relação real com ele. Assim seria um Nome Próprio (um legisigno), tal como é a ocorrência de um sintoma de uma doença (CP 8.335).

Em outras palavras, um índice é um representamen que está em uma relação real com seu objeto. Assim, o representamen e o objeto estão relacionados porque estão em uma relação de causa e efeito ou são espacialmente contíguos, de modo que o representamen aponta para o objeto. O ‘real’, portanto, se refere a causa e efeito real ou a contiguidade real no espaço. Essa relação ‘real’ entre o representamen e o objeto com índices estaria em contraste com a relação de semelhança nos ícones e a relação de generalidade, ou *law-likeness*¹⁰, nos símbolos. No caso de uma relação de causa e efeito, por exemplo, a febre é o efeito da resposta do corpo ao trabalho de um vírus ou bactéria em um organismo. Dessa forma, é um índice da infecção que, por sua vez, não é necessariamente observável em si, porém pelo fato de haver febre aponta para a possível existência de algum tipo de infecção.

No caso de contiguidade, o dedo indicador é um índice, apontando para a coisa que se deseja apontar. Nesse caso, o dedo e a coisa apontada estão conectados espacialmente, e não causalmente. Um índice particularmente interessante são os rastros deixados por um animal, humano ou um veículo. Um/a rastreador/a experiente seria capaz de formar uma rica interpretação de um rastro, por exemplo, inferindo que o rastro foi feito por um leão, em especial, por uma fêmea grávida que caminhava em uma determinada direção em um tempo (mais ou menos) determinado. Um/a rastreador/a mais habilidoso/a seria capaz de inferir ainda mais informações, tais como, se a leoa estava saudável ou cansada, e ainda se ela estava andando a passos mais rápidos ou correndo.

A relação de causa e efeito em signos indiciais tem sido o meu enfoque de estudo. Se é

possível tomar um rastro do animal, da pessoa ou do veículo que o causou como índice, deve ser possível também tomar as práticas/artefatos sociais ou culturais como efeitos do trabalho semiótico que os produziu. Assim, seria possível estudar os processos tradutórios dos quais emerge a sociedade/cultura, estudando a indexicalidade dos produtos, como os vestígios dos processos que os causaram. Isso implicaria um processo de inferência, começando com o efeito e argumentando sobre a(s) sua(s) causa(s). Nesse sentido, se alguém é capaz de estar presente no momento em que um processo semiótico está se desenvolvendo, também pode estudar os próprios processos, com enfoque no que o processo indexa sobre os valores e ideias por trás dele. O fato da sociedade-cultura, em particular como processo ou desenvolvimento, ser efeito do trabalho semiótico, ou seja, restrições aos processos semióticos, significa que os fenômenos socioculturais poderiam ser interpretados como índices destes processos semióticos. Em outras palavras, seriam traduções das quais eles foram criados.

Um modo específico de agricultura é o efeito de gerações de trabalho semiótico. Assim, antes que uma agência de desenvolvimento possa melhorá-lo (na própria visão), faria bem em entender o sistema de significados por trás das práticas vigentes. Mesmo havendo a intenção de negociar novos desenvolvimentos com uma comunidade (Westboy, 2013; Westboy & Dowling, 2013), é necessário entender o significado das práticas que se intenciona mudar. Nesse viés, é preciso que as agências sejam capazes de explicar o significado das novas práticas que desejam introduzir.

Compreender o significado do desenvolvimento é importante porque, como aponta Olivier de Sardan (2005), o desenvolvimento sempre implica em um choque de sistemas de valores ou sistemas de significado. Para entender esses sistemas de significado é preciso algum acesso aos processos semióticos existentes por trás das práticas sociais e culturais em vigor.

Diante do fato que o surgimento da sociedade-cultura envolve mais que interação linguística, é preciso analisar todo escopo do trabalho semiótico do qual emerge a sociedade-cultura. Tal estrutura fornece uma ferramenta descritiva para explicar o surgimento de processos de desenvolvimento, tanto em seus próprios termos, quanto de maneira comparativa. Do mesmo modo, uma ferramenta interpretativa é fornecida, através da qual é possível compreender a emergência dos processos de desenvolvimento¹¹. Ressalto, então, que o ângulo comparativo que sugiro não pretende ser uma comparação normativa, mas uma comparação descritiva, considerando as condições diferenciadas sob as quais sociedades e culturas distintas precisam se desenvolver (Marais & Delgado Luchner, 2018).

As implicações diretas para os/as agentes do desenvolvimento consideram o fato de que

eles/as precisariam de tempo para sentar com seus/suas parceiros/as e explorar o significado das práticas existentes, antes da implementação de um projeto. Essa ação está intimamente relacionada à abordagem dialógica do desenvolvimento comunitário (Owen & Westboy, 2012; Westboy, 2013; Westboy & Dowling, 2013; Westboy & Kaplan, 2014), a qual se acrescenta a dimensão da semiose, ampliando a abordagem estritamente linguística dos/as autores/as. É necessário que os/as agentes do desenvolvimento conversem com os/as destinatários/as através de um diálogo sobre os programas propostos. Nessa acepção, Owen e Westoby (2012, p. 307) sugerem um diálogo primordial nos momentos iniciais de um processo do desenvolvimento para que as intenções fiquem claras, as posições quanto às expectativas das pessoas envolvidas no trabalho e para negociar os interesses comuns. Além disso, defendo que seria benéfico para o processo do desenvolvimento se os/as agentes também fossem hábeis na capacidade de interpretar o significado da prática e do conhecimento incorporados, tal qual na capacidade de interpretar o significado e o valor que tais práticas têm para as comunidades às quais pertencem.

Para ilustrar, apresento a minha resposta aos dados referentes a um dos diálogos analisados por Owen e Westoby (2012, p. 311-314). Nele, os autores apresentam dados de um diálogo entre Paulo (um agente do desenvolvimento comunitário - ADC) e um membro da comunidade, Bruce¹²:

R1. [ADC/Paulo]: Olá, eu me chamo Paulo ... sou o novo funcionário do centro comunitário do bairro.

R2: [Bruce] Paulo, este centro está aí há anos - e, na minha opinião, ninguém fez nada de bom -. Os jovens ainda estão fazendo algazarra, alta taxa de desemprego - você vê esse lixo todo na rua. O governo não está fazendo nada.

R3.1. [Paulo/ADC] Sinto muito por tudo isso. Mas, como eu estava dizendo, eu sou novo aqui e esperamos iniciar um novo projeto. E queremos pessoas envolvidas.

R3.2 [Paulo/ADC]: Parece que você mora aqui há algum tempo - aceita tomar um café e conversar sobre os problemas da comunidade?

R4. [Paulo/ADC]: Então, você gostaria de fazer algo em relação a alguma dessas questões que discutimos?

R5. [Bruce]: Sim, acredito que sim, se houvesse pessoas o suficiente para contribuir e pudéssemos realmente fazer a diferença. Eu adoraria poder limpar as margens do riacho e caminhar por lá sem olhar para todo aquele lixo. E talvez possamos considerar alguma regeneração das margens do rio, para parar a erosão.

R8. [Paulo/ADC]: Bem, por que você não faz isso, então? Vou falar com algumas das pessoas que conheci e que possam estar interessadas. Vou conversar, também, com minha gerente no centro comunitário, para saber o que ela acha e aí eu posso me envolver.

R9. [Bruce]: Ótimo...

Os trechos do diálogo demonstram como Paulo se envolve ouvindo Bruce, permitindo-lhe o máximo de agenciamento do processo. Embora não possa criticar suas sugestões, na

minha opinião, Paulo se concentra demais na informação (racional) e no planejamento (ação) e não o suficiente nos valores da comunidade e nos significados de certas práticas que eles querem promover. Em especial, quando Paulo convida o membro da comunidade (por sua vez R3.2) a “conversar sobre os problemas da comunidade”, é o momento no qual um interesse semiótico mais amplo poderia contribuir para a compreensão da forma como essa comunidade emerge do seu trabalho semiótico. A partir desse ponto, Paulo se beneficiaria se fossem acrescentadas algumas perguntas sobre significados e valores às perguntas relacionadas a informações em relação às pessoas com quem ele precisa colaborar e evitaria que ele cometesse erros típicos do desenvolvimento, como dar soluções que não combinam com as necessidades das pessoas. Assim, o trabalho semiótico de Paulo incluiria observar a comunidade em suas práticas, de forma a interpretar as estruturas sociais e materiais aplicadas (ou não) por aquela comunidade, em resposta ao ambiente ao qual estão expostos.

A essa altura da discussão, cabe ressaltar que não estou afirmando que uma compreensão dos processos de tradução subjacentes resolveria todos os problemas do desenvolvimento. Porém, acredito que poderia contribuir com a intenção do desenvolvimento comunitário de conduzir esses processos, tal qual os processos humanos, que nunca são totalmente racionais. Ao invés disso, eles estão entrelaçados com emoções, valores, suposições, ideologias e julgamentos, dentre tantos outros. Em outras palavras, os processos humanos são semióticos por natureza, de forma significativa. Se o argumento for que o desenvolvimento é um processo humano, deve implicar também que é um processo semiótico. Em outras palavras, os processos do desenvolvimento têm uma dimensão humana, o que significa que eles têm também uma dimensão semiótica.

Pode haver casos nos quais as soluções para os problemas do desenvolvimento sejam tão óbvias que uma análise totalmente semiótica teria apenas um peso burocrático. Mas também há casos nos quais o óbvio não seria o correto. No caso de Paulo, por exemplo, pode ser de grande valia entender os motivos pelos quais o centro comunitário anterior falhou. De forma mais clara, a obtenção de informações feitas por Paulo já é um processo semiótico, mas é também limitado à interação linguística. Obter informações visuais pode fornecer uma compreensão mais profunda da complexidade (Kaplan, 2002) dos processos do desenvolvimento. Por exemplo, a análise sobre artefatos e práticas da comunidade e sua interpretação podem ser tidos como traços dos processos de construção de significado que os causaram.

Conclusão

Os estudos sobre a relação entre tradução e desenvolvimento fariam bem em não seguir os estudos convencionais da tradução em seu viés linguístico. Se a noção de tradução incluindo todos os processos semióticos fosse expandida, os/as teóricos/as da tradução poderiam contribuir significativamente para o entendimento acadêmico do surgimento da sociedade-cultura. A expertise que construíram sobre o papel da tradução interlingual na emergência de sistemas literários, sistemas culturais ou até mesmo de sistemas políticos poderia ser transferida para estudar o papel de todos os processos de tradução semiótica na emergência da sociedade-cultura de uma maneira geral.

Os/As teóricos/as da tradução que especificamente conceituam a tradução de forma semiótica em vez de linguística seriam capazes de responder ao apelo de Pieterse (2010) para uma compreensão semiótica do desenvolvimento. Em um mundo que costuma usar a técnica e o planejamento como uma técnica mostra que o entendimento se torna cada vez mais importante. Teóricos/as e profissionais capazes de ajudar a sociedade-cultura a compreender os significados que ela cria, suas razões e possíveis mudanças para melhor se adaptar ao seu ambiente, contribuirão para manter a sociedade-cultura humana. Assim como o subtítulo do livro de Henning e Scarfe (2013) sobre biossemiótica visa *devolver a vida à biologia*, uma abordagem semiótica do desenvolvimento poderia atribuir o *significado de volta ao desenvolvimento*.

REFERÊNCIAS

- Ajayi, O.F. (2018). *Translation and national consciousness in Nigeria: A socio-historical study*. Tese de doutorado defendida pela Concordia University, Montreal.
- Baker, M. (2018). *In other words: A coursebook on translation*. 3a ed., Routledge, London.
<https://doi.org/10.4324/9781315619187>
- Chibamba, M. 2018. *Translation practices in a developmental context: An exploration of public health communication in Zambia*. Tese de doutorado defendida pela University of Ottawa, Ottawa.
- Coetzee, J.K., Graaff, J., Hendricks, F & Wood, G (eds.) (2001). *Development: Theory, policy and practice*. Oxford University Press, Oxford.
- Deacon, T.W. (2013). *Incomplete nature: How mind emerged from matter*. WW Norman & Company, New York.
- Deely, J. (2009). *Purely objective reality, De Gruyter/Mouton*. Berlin.
<https://doi.org/10.1515/9781934078099>.

-
- Delgado Luchner, C. (2015). *Setting up a Master's in conference interpreting at the University of Nairobi: An interdisciplinary case study of a development project involving universities and international organizations*. Tese de doutorado defendida pela Universidade de Genebra.
- Eco, U. (1997). *Kant and the platypus: Essays on language and cognition*. Harcourt Inc., London.
- Eco, U. (2001). *Experiences in translation*. Indiana University Press. Bloomington.
- Eco, U. (2004). *Mouse or rat? Translation as negotiation*. Phoenix, London.
- Escobar, A. (1995). *Encountering development: The making and unmaking of the Third World*. Princeton University Press, Princeton.
- Footitt, H. (2017). *Translating development*. Viewed 20 November 2017, retrieved from <https://modernlanguagesresearch.blogs.sas.ac.uk/2017/10/30/translating-development/>.
- Henning, B. & Scarfe, A. (2013). *Beyond mechanism: Putting life back into biology*. Lexington Books, Plymouth.
- Jakobson, R. ([1959] 2004). 'On linguistic aspects of translation'. in Venuti, L. (ed.). *The translation studies reader*. 2nd edn, Routledge, Londres, pp. 138–143.
- Jakobson, Roman. (2008). *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. Editora Cultrix. São Paulo.
- Kaplan, A. (2002). *Development practitioners and social process, Artists of the invisible*. Pluto Press, London.
- Latour, B. (2007). *Reassembling the social - An introduction to actor-network theory*. Oxford University Press, Oxford.
- Lefevere, A. (1992). *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. Routledge, Londres.
- Luhmann, N. (1995). *Social systems*. Stanford University Press, Stanford.
- Marais, K. (2017). 'We have never been un(der)developed: Translation and the biosemiotics foundation of being in the global south'. Marais, K. & Feinauer, I. (eds.). *Translation beyond the postcolony*. Cambridge Scholars Press, Londres, pp. 8–32.
- Marais, K. (2020). Putting meaning back into development; or (semio) translating development. *Journal for Translation Studies in Africa*. (1), 43-58.
- Marais, K. (2019). *A (bio)semiotic theory of translation: The emergence of social-cultural reality*. Routledge, Londres. <https://doi.org/10.4324/9781315142319>

- Marais, K. (2020). 'Okyeame poma: Exploring the multimodality of translation in precolonial African contexts'. Gould, R. R. & Tahmasebian, K. (eds.). *The Routledge Handbook on translation and activism*. Routledge, Londres.
- Marais, K. & Delgado Luchner, C. (2018). 'Motivating the translation-interpreting-development nexus'. *The Translator*. vol. 24, no. 4, pp. 380–394. <https://doi.org/10.1080/13556509.2019.1594573>
- Marais, K. & Kull, K. (2016). 'Biosemiotics and translation studies: Challenging "translation"'. Gambier, Y. & Doorslaer, L. van (eds.). *Border crossings: Translation studies and other disciplines*. Benjamins, Amsterdam, pp. 169–188. <https://doi.org/10.1075/btl.126.08mar>
- Nord, C. (2001). *Translating as a purposeful activity - Functionalist approaches explained*. St. Jerome, Manchester.
- Nussbaum, M. (2011). *Creating capabilities: The human development approach*. The Bellknap Press of Harvard University, Cambridge. <https://doi.org/10.4159/harvard.9780674061200>.
- Nussbaum, M. & Sen, A. (1993). *The quality of life*. Clarendon Press, Oxford. <https://doi.org/10.1093/0198287976.001.0001>.
- Olivier de Sardan, J.P. (2005). *Anthropology and development - Understanding contemporary social change*. Zed Books, Londres.
- Owen, J. R. & Westoby, P. (2012). 'The structure of dialogic practice within developmental work'. *Community Development*. vol. 43, no. 3, pp. 306–319. <https://doi.org/10.1080/15575330.2011.632093>.
- Parmentier, R. J. (2016). *Signs and society: Further studies in semiotic anthropology*. Indiana University Press, Bloomington. <https://doi.org/10.2307/j.ctt2005sns>.
- Peirce, C.S. (1994). *The collected papers of Charles Sanders Peirce*. Harvard University Press, Cambridge.
- Pieterse, J. N. (2010). *Development theory*. 2nd edn, Sage, Londres.
- Robinson, D. (2011). *Translation and the problem of sway*. Benjamins, Amsterdam. <https://doi.org/10.1075/btl.92>.
- Robinson, D. (2016). *Semiotranslating Peirce*. University of Tartu Press, Tartu.
- Salthe, S. N. (1993). *Development and evolution: Complexity and change in biology*. MIT Press, Cambridge. <https://doi.org/10.7551/mitpress/8255.001.0001>.
- Salthe, S. N. (2009). 'A hierarchical framework for levels of reality: Understanding through representation'. *Axiomathes*. vol. 19, pp. 87–99. <https://doi.org/10.1007/s10516-008-9056-x>.

-
- Salthe, S. N. (2012). 'Hierarchical structures'. *Axiomathes*. vol. 22, pp. 355–383. <https://doi.org/10.1007/s10516-012-9185-0>.
- Searle, J. R. (1995). *The construction of social reality*. The Free Press, New York.
- Searle, J. R. (2010). *Making the social world: The structure of human civilization*. Oxford University Press, Oxford. <https://doi.org/10.1093/acprof:osobl/9780195396171.001.0001>
- St André, J. (2010). *Thinking through translation with metaphors*. St Jerome, Manchester.
- Steiner, G. (1998). *After Babel: Aspects of language and translation*. 3rd edn, Oxford University Press, Oxford.
- Talento, S. (2018). *Framing texts/framing social spaces: The conceptualisation of literary. Translation and its discourses in three centuries of Swahili literature*. Tese de doutorado defendida pela Bayreuth International Graduate School of African Studies, Bayreuth.
- Tesseur, W. (2020). 'Listening, languages and the nature of knowledge and evidence: What we can learning from investigating "listening" in NGOs'. Gibb, R., Tremlett, A. & Danero Iglesias, J. (eds.). *Learning and using languages in ethnographic research, Multilingual Matters*. Bristol, pp. 193–206. <https://doi.org/10.21832/9781788925921-017>.
- Tymoczko, M. (2007). *Enlarging translation, empowering translators*. St Jerome, Manchester.
- Rooyen, M. van. (2019). 'Tracing convergence in the translation of community radio news'. Davier, L. & Conway, K. (eds.). *Journalism and translation in the era of convergence*. Benjamins, Amsterdam, pp. 155–174. <https://doi.org/10.1075/btl.146.07van>.
- Westoby, P. (2013). *Theorising the practice of community development*. Ashgate, Farnham. <https://doi.org/10.4324/9780203109946>.
- Westoby, P. & Dowling, G. (2013). *Theory and practice of dialogical community development: International perspectives*. Routledge, London. <https://doi.org/10.4324/9780203109946>.
- Westoby, P. & Kaplan, A. (2014). 'Foregrounding practice – reaching for a responsive and ecological approach to community development: A conversational inquiry into the dialogical and developmental frameworks of community development'. *Community Development Journal*. vol. 49, no. 2, pp. 214–227. <https://doi.org/10.1093/cdj/bst037>.

¹ Utilizo o termo '(semio) tradução' entre parênteses por muitas razões. Primeiramente, eu já havia defendido (Marais, 2019) que toda tradução é semiotradução, o que torna o termo "semiotradução" obsoleto. Mantenho assim o "(semio)" porque meus argumentos a este respeito não são amplamente conhecidos e deixá-lo de fora poderia gerar confusão. Por fim, ressalto que não concordo com todas as opiniões sobre a natureza da

“semiotradução”. Discordo, em particular, da interpretação de Robinson (p. 181 e 220, 2016) de que a semiotradução se refere a um tipo muito específico de tradução que visa fornecer clareza e expressar esperança.

* N.T.: O artigo foi publicado em inglês pelo *Journal for Translation Studies in Africa* em 2020 com licença CC-BY.

Marais, K. (2020). Putting meaning back into development; or (semio)translating development. *Journal for Translation Studies in Africa*, (1), 43–58. <https://doi.org/10.38140/jtsa.vi1.4331>

O autor concedeu a autorização para tradução e publicação da tradução em troca de e-mails em 27/09/2021 à coordenadora da equipe de tradução, Profa. Dra. Monique Pfau. A tradução faz parte do projeto de pesquisa “Metatradução como Método Pedagógico para a Formação de Tradutores/as”, realizada de forma colaborativa pelo grupo de pesquisa Textos Fundamentais em Tradução (Key Texts in Translation – KiT) da Universidade Federal da Bahia.

² Trago a referência à excelente tese de doutorado de Talento (2018) voltada para as traduções pré-coloniais na África Oriental. O estudo evidencia que nem todas as práticas de tradução desenvolvidas no período mencionado foram orais e a África Oriental possuía uma cultura escrita anterior à colonização. Como consequência, a tradução interlingual não deve ser considerada irrelevante nos estudos de desenvolvimento, com a ressalva de que não pode ser utilizada em todas as suas esferas.

³ N.T.: termo usado para descrever um símbolo carregado pelo/a Okyeame (pessoa especializada em retórica) que utiliza esse objeto para lhe conferir autoridade e o que deseja comunicar ao povo.

⁴ Textos literários trabalham com esta noção de restrições e tentam até mesmo subvertê-la, mas o próprio fato de que a literatura faz essa tentativa, confirma que existem restrições.

⁵ N.T.: Exemplo adaptado da palavra “dog” do inglês.

⁶ N.T.: Exemplo adaptado para o português brasileiro: *As an example, consider the word ‘mouse’ that is used for a rodent and for a piece of computer hardware. The meaning is translated because of a change in the object and thus in the relationship between representamen and object* (Marais, 2020).

⁷ Para um debate detalhado e opiniões alternativas sobre este assunto, ver Marais (2019, p. 11-82); Eco (2001, 2004) e Steiner (1998).

⁸ N.T.: tradução literal: É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança.

⁹ Ver Coetzee et al. (2001), para uma discussão detalhada sobre a história e as tendências do desenvolvimento.

¹⁰ N.T.: Peirce define como tendência que todas as coisas adquirem hábitos.

¹¹ Em uma das revisões foi sugerido que eu desenvolvesse mais esse argumento para propor que a estrutura tenha poder preditivo. Por conta das suposições de complexidade com as quais trabalho, estou convencido de que os processos socioculturais emergentes não são previsíveis em razão (1) de sua sensibilidade às condições iniciais, (2) do papel das restrições que são emergentes por si só e (3) da incerteza quando mais de dois fatores causais interagem.

¹² No original, a narrativa estava dispersa em várias páginas de texto. No intuito de esclarecer sua relevância para minha argumentação, a reuni aqui. N.T.: Tradução feita diretamente da seleção de Marais.